

Magnífico Reitor  
Senhor Presidente do Conselho-Geral  
Distintas Autoridades Académicas e convidados  
Senhores Laureados  
Minhas Senhoras e meus Senhores

A Universidade Nova de Lisboa decide homenagear hoje, pela concessão do Doutoramento *honoris causa*, em simultâneo com um jurista e um antropólogo distintos, ambos oriundos do tecido universitário, a figura de José Estêvão Sasportes, cuja carreira não excluiu, como veremos, algumas incursões significativas pelo território institucional da Universidade mas se processou maioritariamente fora dele. Cabem-me, por uma decisão do Magnífico Reitor que muito me honra, o privilégio e a responsabilidade de aqui sintetizar publicamente os passos mais relevantes dessa carreira que fundamentaram de forma indiscutível a alta distinção que agora lhe é concedida. Faço-o com um natural sentimento de inadequação, face à dimensão objectiva da personalidade que me cabe apresentar, mas com o gosto de poder partilhar o meu testemunho pessoal de muitos desses passos, ainda que mandem as boas regras deontológicas que nesse exercício registre à partida a inevitável subjectividade da amizade e da admiração profundas que me ligam desde há décadas ao homenageado.

Em vez de seguir um enunciado estritamente cronológico, julgo que posso começar por um marco relativamente recente mas que ilumina retrospectivamente todo o percurso anterior do nosso doutorado: a 5 de Dezembro de 2012, na Sala Borromini da Biblioteca Vallicelliana de Roma, a Associazione Italiana per la Ricerca sulla Danza promovia uma sessão pública de homenagem a José Sasportes por ocasião dos seus 75 anos e apresentava o volume de ensaios que lhe era dedicado por vinte e cinco dos maiores investigadores da História da Dança do nosso tempo, coordenados por Alessandro Pontremoli e Patrizia Veroli, sob o título *Passi, Tracce, Percorsi* – “Passos, Traços, Percursos”. Ao longo do corpo do livro, sucedem-se textos de análise histórica aprofundada sobre a Dança ocidental, desde a Mourisca medieval a Pina Bausch, e discussões complexas sobre estética contemporânea do bailado e da performance, em ambos os casos citando *pari passu* a obra ensaística de José Sasportes como uma referência bibliográfica incontornável para cada tema em debate, e como fonte de uma natural *auctoritas*, tanto no plano da erudição como no da reflexão crítica. Mas ainda mais reveladores desde estatuto de verdadeira reverência para com o papel fundador de Sasportes neste campo teórico são os dois prefácios assinados, não por investigadores, mas por dois dos nomes mais consagrados da criação coreográfica mundial do nosso tempo, Carolyn Carlson e Michele Abbondanza.

Carlson dedica-lhe – nada mais, nada menos – um poema, em que o define metaforicamente como “aquele cuja mente arranca pedras, constrói navios de luz e de tempo, descobre os séculos sob o pó e o esquecimento, desencadeia crónicas para a perpetuidade da história”, que “revela os traços dos nossos biliões de passos dançados”, que “comprime os eventos dispersos para que cada época gravite até ao seu próprio génio e até à sua eventual queda”. E conclui: “Sem ti nada seria narrado”. Abbondanza, pelo seu lado, descreve-o como o “guardião do farol, que vigia os escultores multiformes da superfície do Oceano, com as suas diferentes ondas e tempestades, e que tem para cada uma delas a palavra e o sentimento, uma luz ora pequena ora grande, ora intermitente ora fixa”.

O traço comum destas referências – tanto das citações dos investigadores como dos elogios dos artistas – é o reconhecimento do papel central de José Sasportes, ao longo de quase cinco décadas, no estabelecimento e na legitimação do campo da História da Dança como disciplina, simultaneamente enquanto componente relevante, por direito próprio, da História da Cultura, no seu todo, e como factor essencial de consciência histórica na própria criação coreográfica contemporânea. E importa lembrar que esse esforço – que, não sendo exclusivo de Sasportes, foi, na sua geração, de muito poucos com a mesma profundidade e a mesma originalidade – implicava, à partida a demonstração da própria possibilidade efectiva de uma História da Dança, quando esta é uma Arte do movimento, com uma existência efémera que se esgota no próprio acto de cada performance, dispondo de registos notacionais rudimentares que por si sós não conseguem captar senão um mero esqueleto da obra, e dependendo por isso da transmissão oral de mestre para discípulo, no que respeita aos criadores e executantes, da memória individual do espectador, tão perecível como seu próprio portador, ou da recepção crítica, das descrições literárias, das reproduções iconográficas e só mais recentemente do registo fílmico.

A memória histórica da Dança é, pois, um mosaico que tem de ser composto maioritariamente a partir de fontes indirectas, cruzando para tal, num exercício constante de interdisciplinaridade dinâmica, Literatura e Artes Visuais, Música e Arquitectura, Teatro e Cinema, História Social e Estudos Culturais, Sociologia e Antropologia, para chegar àquilo a que poderíamos chamar, citando Clifford Geertz, uma “thick description” – uma “descrição espessa”. É por isso que Carolyn Carlson abre o seu poema sobre José Sasportes, em quem vê uma espécie de sábio feiticeiro da tribo da Dança, narrador de mitos e de histórias, oráculo da memória desta Arte fugaz, descrevendo, por detrás “da cadeira, do homem, do poeta”, “uma galeria de papéis, de livros, de ensaios, de cartas, de desenhos, de poemas, de fotografias, de mil notas, de memorabilia”.

Este constante vaivém epistemológico entre o “texto da Dança”, por assim dizer, e o seu contexto, e entre memória histórica e contemporaneidade é um traço evidente na obra publicada de José Sasportes, que abre logo em 1962, aos vinte e cinco anos, com um ensaio de intervenção crítica intitulado *Situação e Problemas da Dança Contemporânea*, seguido da grande obra pioneira que é a *História da Dança em Portugal*, escrita em 1967 mas publicada só em 1970 pela Fundação Calouste Gulbenkian. Era a primeira vez que se apresentava um levantamento histórico sistemático da presença da Dança na Cultura portuguesa, desde as folias e chacotas medievais ao Teatro do Renascimento, desde a dança teatral da comédia peninsular do Barroco à chegada das danças de salão dos novos modelos de sociabilidade distinta do século XVIII, desde a tradição do bailado romântico italiano no palco do São Carlos à passagem dos Ballets Russes por Lisboa e desde a experiência nacionalista falhada do Grupo de Bailados Verde Gaio ao então recente estabelecimento do Grupo Gulbenkian de Bailado.

Partindo desta sua primeira reflexão sobre o panorama histórico e contemporâneo da Dança em Portugal, e na sequência da sua colocação em Roma como adido da Embaixada de Portugal, em 1976, Sasportes expandiria seguidamente o seu campo de pesquisa ao panorama da Dança teatral italiana dos séculos XVII a XIX. Ao seu trabalho individual e à dinâmica que a partir dele conseguiu imprimir a um conjunto cada vez mais amplo de jovens investigadores se deve um novo olhar sobre a própria história da Dança europeia, que até aí tinha tendido a ser reduzida a um suposto domínio absoluto dos modelos franceses a partir de Luís XIV – e mais tarde da expansão destes à Rússia imperial. Figuras centrais como Gaspare Angiolini ou Salvatore Viganó, que marcaram decisivamente a história da coreografia europeia clássica e romântica e foram determinantes na configuração do próprio modelo francês, emergiram assim gradualmente com uma relevância agora indiscutível mas que até então nunca lhes tinha sido reconhecida. E há que salientar a forma como este novo olhar sobre o campo específico da Dança se integrou desde o início numa nova tendência mais ampla da historiografia europeia que nas últimas décadas tem vindo a refazer gradualmente o cânone narrativo tradicional da História da Cultura Ocidental, revalorizando nesse contexto um contributo estruturante decisivo das culturas mediterrânicas quase sempre minimizado pelo olhar arreigadamente chauvinista de algumas escolas historiográficas mais a Norte.

Para isso contribuiu muito em especial a fundação da revista *La Danza Italiana*, que Sasportes criou e dirigiu desde 1984, com sucessivos números monográficos de âmbito tanto historiográfico como estético-teórico. Mas também uma extensa lista de artigos e capítulos em revistas e obras especializadas – alguns dos quais republicados recentemente em *A Quinta Musa: Imagens da História da Dança*, de 2012 – e muito particularmente a publicação da monumental *Storia della Danza Italiana dalle Origini ai Giorni Nostri*, surgida em 2011, sob a sua coordenação.



O olhar de José Sasportes não se centrou, contudo, exclusivamente, em matérias do foro histórico, ou, quando o fez, nunca perdeu uma atenção particular à problemática da Dança dos séculos XX e XXI, das rupturas modernistas dos Ballets Russes ao Expressionismo alemão, e da Modern Dance norte-americana à criação contemporânea de uma Pina Bausch ou de uma Carolyn Carlson. Fê-lo com uma perspectiva assumida de historiador, no sentido da percepção rica e subtil de um processo complexo de mudança histórica constante, feito de continuidades e rupturas, de descobertas e redescobertas, de experimentação e de legados assumidos, de filiação e de rejeição estéticas. E isso permitiu-lhe compreender com particular lucidez o verdadeiro significado contextual de fenómenos habitualmente reduzidos ao mero rótulo genérico da Pós-Modernidade e separar, no seio destes, os gestos artísticos portadores do que é verdadeiramente novo, estética e tecnicamente consistentes e desafiantes, dos múltiplos produtos adolescentes sem memória, geradores da mera novidade fácil.

Por isso mesmo foi aceite como interlocutor privilegiado por muitos dos criadores coreográficos internacionais mais importantes do nosso tempo. À relação de amizade e confiança que o unia a Madalena de Azeredo Perdigão, de quem foi sempre o verdadeiro consultor informal neste campo, ao contrário do que quer fazer crer alguma mitologia corrente, e a essa sua credibilidade junto desses criadores se deveram, designadamente, a vinda de Pina Bausch pela primeira vez a Portugal em 1989, no âmbito dos Encontros ACARTE e muita da conseqüente consolidação da chamada Nova Dança no nosso País, designadamente quando sucedeu a Madalena na direcção daquele departamento da Fundação Calouste Gulbenkian. Tal como se revelaria decisiva a sua intensa colaboração intelectual com Carolyn Carlson no impacto renovador imenso que esta teve na cena coreográfica italiana e europeia a partir da sua residência em Veneza.

José Sasportes é também, por natureza, um pedagogo, porque assume permanentemente o compromisso da partilha pública do conhecimento que vai adquirindo e da reflexão que vai produzindo, seja sob a forma da escrita e da intervenção regular em colóquios e seminários, seja pela intervenção ocasional como docente. Ensinou nas Escolas de Dança e de Formação de Professores de Educação pela Arte do Conservatório Nacional, bem como na Académie des Grands Ballets Canadiens, orienta ou avalia com regularidade teses de Licenciatura, Mestrado e Doutoramento em várias universidades, e mantém uma associação institucional a outras, sendo actualmente conselheiro da Faculdade de Motricidade Humana da Universidade de Lisboa e investigador do Centro de Estudos de Teatro da Faculdade de Letras da mesma Universidade. Mas a sua ligação ao ensino não se limita apenas ao campo estrito da Dança e desde muito cedo incidiu igualmente sobre a problemática do Ensino Artístico, quer no âmbito da formação vocacional para

as Artes, quer no quadro da vertente de Educação Artística do sistema escolar global. Em ambos os domínios tem tido uma intervenção constante da maior relevância.

Logo em 1971, quando o Ministro José Veiga Simão nomeou para o Conservatório Nacional uma Comissão Orientadora da Reforma do Ensino Artístico presidida por Madalena de Azeredo Perdigão, esta convidou-o de imediato para Secretário deste órgão, que viria a mobilizar para o velho edifício da Rua dos Caetanos uma panóplia distinta de educadores artísticos de excepção em que se incluíam nomes como os de Constança Capdeville, João de Freitas Branco, Luzia Maria Martins, Mário Barradas, Arquimedes Silva Santos ou Alberto Seixas Santos. Interrompida – ironicamente, dada a filiação político-ideológica inequivocamente progressista da grande maioria destas personalidades envolvidas – pela agitação do PREC, esta reforma, em que o jovem José Sasportes desempenhou um papel determinante, abriu, sem qualquer dúvida, as portas à renovação pedagógica do ensino das Artes das décadas seguintes e ao reconhecimento do seu papel insubstituível no núcleo duro dos curricula educativos.

Em 2005, na qualidade de Presidente da Comissão Portuguesa da UNESCO, o seu prestígio pessoal neste domínio em muito contribuiu para trazer para Portugal a I Conferência Mundial de Educação Artística da UNESCO, a que presidiu, e a qualidade reconhecida do seu desempenho nestas funções fez com que a organização o convidasse a integrar o Conselho Científico da II Conferência, realizada em Seul cinco anos mais tarde. Paralelamente foi eleito Vice-Presidente do Conselho Científico do Atomium/Culture, de Bruxelas, e este mesmo reconhecimento internacional é bem atestado pela Comenda da Ordem de Mérito que recebeu do governo italiano, pelo grau de Oficial da Ordem das Artes e Letras francesa ou pela Cruz de Mérito da República Alemã, para lá do Grande Oficialato da Ordem do Mérito e da Comenda da Ordem do Infante que lhe foram concedidos em Portugal.

Ao historiador da Dança e ao pedagogo das Artes não posso deixar de associar, para terminar esta síntese, necessariamente tão incompleta, o profundo sentido de responsabilidade cívica que sempre caracterizou José Sasportes, marcado, por exemplo, pelo desempenho corajoso do cargo de Director-Adjunto do *Jornal Novo*, em pleno Verão Quente de 1975, quando este se afirmou como um dos raros órgãos de Comunicação Social que defendia os valores da Democracia parlamentar num contexto revolucionário em plena radicalização crescente. Ou pela participação intensa e decisiva, como independente, a convite de António Guterres, no debate político interno que conduziria a uma boa parte da plataforma político-cultural do estabelecimento posterior do Ministério da Cultura pelo governo do Partido Socialista, em 1995, Ministério de que se tornaria episodicamente titular em 2000-2001. Ou ainda – porventura sobretudo – pela sua intervenção crítica

constante, sempre lúcida e informada, num debate público sobre políticas culturais que é entre nós geralmente tão pobre de ideias e de substância.

Magnífico Reitor, minhas Senhoras e meus Senhores, pelo percurso exemplar da sua vida e do seu pensamento, pelos valores de rigor e de dedicação que marcaram sempre a sua obra, pelo carácter pioneiro e iluminador da sua reflexão teórica inteligente e fundamentada, pela coragem e pela determinação da sua intervenção cívica, só posso congratular-me pela decisão dos órgãos competentes da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas e da Universidade Nova de Lisboa de outorgarem a José Estêvão Sasportes o grau de Doutor *honoris causa*, homenageando publicamente a sua personalidade de excepção e de algum modo cooptando definitivamente para a instituição universitária o seu saber e o seu exemplo.

A Universidade, espaço por excelência da construção contínua mas sempre precária do conhecimento, tem, neste caso, um duplo gesto de legitimação: por um lado reconhece com humildade que não detém o exclusivo da produção do saber, e como tal legitima-se a si própria de forma redobrada ao cooptar simbolicamente uma personalidade cujo percurso de reflexão decorreu fora dos seus muros, e com ele todo um novo campo de estudos de que necessitava; por outro lado, num universo mediático massificado em que todos os dias se fabricam e promovem artificialmente meros simulacros da verdadeira sabedoria, identifica e legitima, pela sua autoridade institucional própria, um dos protagonistas mais relevantes dessa reflexão extra-académica. Ambas as partes se legitimam, ambas as partes se honram, ambas as partes reforçam os vínculos que as subordinam a um mesmo conjunto de valores essenciais.

Se no título de Doutor está implícita, em termo superlativos, a dupla dimensão da produção rigorosa e da partilha generosa do conhecimento, então não tenho dúvidas, Magnífico Reitor, de que no caso de José Sasportes, verdadeiramente, *habemus doctorem*.

Rui Vieira Nery, 17 de Junho de 2015